

Mocidade Cristã

Ano XVII

Abril a Junho de 1955

Número 67

Um Grande Inimigo Moderno

No passado a Igreja sofreu perseguições dos poderes pagãos e, depois, da Inquisição. No século XX, porém, surgiu um inimigo muito mais temível; os cristãos têm tanto medo dele que se sentiram obrigados a transgredir a Palavra de Deus. Os primitivos cristãos arriscaram a vida para ter o privilégio de Partir o Pão; muitas vezes procuravam cavernas e bosques para celebrar a Ceia. Corriam o perigo de serem aprisionados e mortos. Contudo, obedeciam à Palavra de Deus a qualquer preço. Mas hoje o inimigo não são soldados, nem a Inquisição. É um inimigo invisível: chama-se «Microbio». Muitos procuram escapar a este inimigo por desobedecer à Palavra de Deus. 1 Cor. 10 ensina que UM PÃO na Mesa simboliza a unidade do Corpo de Cristo e partí-lo é ato de comunhão fraternal. Mas, evidentemente, a HIGIENE é mais importante do que a Palavra de Deus. Vamos, porém, examinar este sistema «higiénico» de celebrar a Santa Ceia. Nós que usamos UM pão, segundo as Escrituras, temos na mesa um pão protegido de microbios pela codea, desde o momento que ele saiu do forno. Após as ações de graças, o pão é partido, e poucos minutos depois os participantes tiram uma migalha da parte interior do pão. E os crentes «higiénicos»? Temos dó deles. O pão foi cortado antes da reunião; está na mesa em forma de cubos. Cada cubo apresenta cinco

dos seus lados ao ataque dos microbios e não apresenta nenhuma defesa, como o vinho que tem álcool.

Nós, que preferimos UM pão, temos a Bíblia ao nosso lado e achamos que a higiene também está a nosso favor. Mesmo que estivesse contra, preferiríamos obedecer à Palavra de Deus e enfrentar todos os inimigos. Concordamos com os cristãos do passado que seria melhor sofrer, sendo necessário, a fim de obedecer à Palavra de Deus.

«O pão que partimos não é porventura a comunhão do corpo de Cristo?

Porque nós, sendo muitos, somos um só pão e um só corpo: porque todos participamos do mesmo pão.» I. Coríntios 10:16,17.

História das nossas Hinos (continuação)

Em todos os países do mundo, onde se prega o Evangelho, os hinos de origem inglesa são traduzidos e cantados com as mesmas músicas. O «China Inland Mission» foi fundado pelo Sr. Hudson Taylor para evangelizar o interior da China. Os missionários pioneiros, às vezes, arriscavam suas vidas para levar a Mensagem ao interior do país. Os Europeus foram chamados «os diabos estrangeiros» pelos chineses. Um dos missionários, o Sr. Argento, foi morar numa cidade do interior. Ele e seu companheiro foram maltratados e um deles foi morto. À pouca distancia desta cidade morava um sábio chinês. Um dia ele encontrou um fragmento de papel impresso, e lendo-o, estra-

nhou a palavra «Jesus». Disse a si mesmo: «Jesus, Jesus, nunca ouvi acerca deste nome». Chegando em casa, procurou um antigo dicionário, compilado há muitos anos por um imperador chinês, e achou a palavra «Jesus» com a explicação: «O povo do Ocidente (isto é, os Europeus) diz que é o Salvador do mundo». O chinês repetiu estas palavras, admirado, pensando que esta Pessoa devia ser o Salvador dos chineses. Meditando sobre este misterio, e sabendo que na cidade próxima residiam dois dos «Ocidentais», ou «diabos estrangeiros», resolveu visitá-los e perguntar-lhes sobre o assunto. Foi, e chegando à porta da cidade, que possuía muralhas, foi informado pelo sentinela que os estrangeiros já haviam saído. Voltou outro dia e, recebendo a mesma informação, disse-lhe: «neste caso vou esperar até que voltem.» O sentinela mentira e, querendo despachar o viajante, disse-lhe que já o inglês voltara. O sábio entrou na cidade, procurou a casa do Sr. Argento e contou-lhe a sua dificuldade. Podemos imaginar a alegria do missionário em receber um chinês tão interessado! Contou-lhe Quem era Jesus: o Salvador do mundo, e como morreu para salvar os chineses. O visitante sentiu a necessidade dum Salvador. O Sr. Argento possuía uma bela voz. A seguir cantou o hino em chinses:

«Como foi que me salvei?
Pelo precioso sangue.
Como paz com Deus achei?
Sempre pelo mesmo sangue.
CORO: Oh, fonte sem igual.

Numero 16 H. & C.

Antes de terminar o hino, o missionário reparou que as lágrimas corriam na face do chinês. Antes de sair da casa se convertera. O novo cristão não escondeu sua luz. Foi eleito prefeito da cidade. Pela pri-

meira vez na história desta cidade (ou de qualquer cidade chinesa) as finanças foram bem ajustadas sem faltar um tostão. Por isso foi reeleito duas ou três vezes; o povo queria que continuasse como prefeito, mas ele queria dedicar-se à pregação do Evangelho de Jesus, o Salvador do mundo. Na China ninguém tem pressa. Como prefeito, nosso amigo, às vezes, começava suas tarefas, em companhia de seus colegas, assim: «Agora, senhores, antes de começar nossos negocios, desejo explicar melhor o sermão que ouvimos ontem.» Este sábio chinês foi responsável pela conversão de mais de mil pessoas.

O Hino. As palavras do hino no original foram escritas em inglês pelo Sr. R. Lowry, americano; a mesma pessoa compôs a musica original mais conhecida. No livro Hinos e Canticos (no. 16) encontramos a tradução pelo Sr. S. E. Mac Nair. No livro de musica (H&C) há duas musicas, a original pelo Sr. Lowry, e outra composta por G.H. Knowles, há uns 30 anos. É considerada a mais bonita, e agora é muito popular. O compositor, quando menino, foi colega de escola do escritor destas linhas e, depois, seu dentista. Ele compôs, também, a musica do cântico (H&C): «Não é do Pai a vontade» (Mat. 18:14).

As palavras e a musica originais se encontram em SANKEY (1200 PIECES) numero 874.

Ela fez o que podia

Mrs. Howard Taylor, nora do sr. Hudson Taylor, fundador da «China Inland Mission» escreveu diversas obras sobre o trabalho missionário. «Pastor Hsi» é um dos seus livros mais conhecidos. Está traduzido em português. É a biografia dum sábio chinês, que se converteu pela mensagem do sr. Hill, missionário inglês, do

século passado. O Pastor Hsi (a pronuncia é «shi») se notabilizou pela grande quantidade de expulsões de demonios que operou em pessoas endemoninhadas, após oração e jejum. Estes casos eram muito comuns na China, antes da entrada do Evangelho no país. Outro grande flagelo do país é o vício de fumar ópio, essência extraída da papoula. Hsi, antes da sua conversão, era vítima do vício do ópio. Depois de convertido, inventou um remédio contra o vício. Arranjou «refúgios», onde as vítimas ficavam tomando o remédio até que o desejo de fumar ópio desaparecesse.

O pastor Hsi orou muito tempo por uma cidade chamada Hochow, que não fora evangelizada. Durante algum tempo, desejou abrir um «refúgio» nessa cidade, mas faltavam-lhe os fundos necessários. Todas as manhãs orava a Deus pela cidade. Sua esposa, cheia de simpatia, disse um dia a seu marido: «temos orado bastante por Hochow. E' tempo de fazer alguma coisa. Por que não abrir um refúgio e enviar pregadores para lá»? Hsi respondeu: «Com muito prazer abriria um «refugio» mas não temos dinheiro». «De quanto precisa?» perguntou a mulher. «De trinta mil cash», respondeu.

No dia seguinte oraram juntos, rogando ao Senhor que lhes permitisse abrir o «refúgio» em Hochow. Depois da oração a senhora Hsi colocou um pacote na mesa, dizendo que o Senhor respondera às orações. O Pastor Hsi abriu o pacote, que era pesado, e achou todas as jóias que uma mulher chinesa julga preciosas; anéis de ouro e de prata, pulseiras e outros ornamentos que formam o presente à mulher no dia de casamento. Reparou, também, com lágrimas nos olhos, que a aparência da esposa mudara, pois todos os seus

ornamentos se sumiram; ela ficou sem anéis nos dedos, seu cabelo estava preso com grampinhos de bambu em lugar dos de ouro. Ela disse: «Posso passar sem estes enfeites: deixa Hochow receber o Evangelho». O pastor Hsi tomou a dádiva de tanto valor, vendeu-a e, com o dinheiro abriu um «refúgio» em Hochow, que depressa tornou-se um centro de luz e bênção para a cidade. Muitos doentes foram tratados com bom resultado e, antes de muito tempo, um trabalho evangelico foi estabelecido ali, o qual cresceu e se transformou na missão que continua até hoje. A senhora Hsi fez o que podia.

(Adaptado do livro, «Pastor Hsi» escrito por Geraldina Hudson Taylor).

O Batismo

Não queremos fazer do nosso jornal um campo de batalha, numa contenda sobre o modo do batismo, mas o assunto no Brasil parece inevitável. Ainda recebemos correspondência sobre o assunto. Há crentes ansiosos a aprender a verdade. E' bom sinal mas não deve degenerar em contenda. Somos impressionados com a importância de tolerancia. Se um crente foi batizado, sendo feito como ato de fé verdadeira, o irmão deve considerar o rito como valido. Nosso desejo em escrever outra vez sobre o assunto é que o batismo seja um rito solene e não uma mera formalidade.

O ensino principal encontramos em Romanos 6 que nos ensina que em batismo o crente toma seu lugar simbolicamente como morto, sepultado com Cristo, e ressuscitado, para seguir uma nova vida, ligada com o Senhor.

Romanos 6

Romanos 6 nos ensina que há três

passos espirituais que o crente batizado toma. São:—

(1) Versos 6 a 9. SABER. A verdade é recebida pela inteligência,

(2) Ver. 11. CONSIDERAI-VOS como mortos. A aceitação da verdade pela fé

(3) Versos 13 a 19. APRESENTAI-VOS a Deus como vivos d'entre mortos.

Tudo é simbolizado pela passagem pela água que representa MORTE, SEPULTAMENTO e RESSURREIÇÃO.

Acabamos de receber uma carta dum professor de língua grega e principal do departamento da história bíblica e literatura em uma das universidades da Inglaterra. É também um escritor sobre história cristã. Não é conhecido a nós pessoalmente, mas temos notado seu nome em certas revistas evangélicas na Inglaterra e América do Norte. Escrevemos, perguntando-lhe se ele poderia dar-nos qualquer informação sobre outro modo primitivo de administrar o rito do batismo além da imersão. Já temos estudado os escritos de todos os historiadores e autoridades ao nosso alcance e todos concordam que o modo primitivo era a imersão, como a palavra indica. O professor nos respondeu assim:—

«Enquanto a significação do batismo é mais importante do que o modo, as referências no Novo Testamento parecem apontar para um modo que frisa o significado do rito. O sentido básico da palavra grega é mergulhar e alguma ação assim é sugerida em Romanos 6:4 e Col. 2:12 pelo Apóstolo Paulo em sua comparação do batismo com o sepultamento.

A referência mais antiga na histó-

ria que conheço a qualquer modo a não ser o mergulho, está no livro «Didache», escrito no princípio do segundo século. Nêle ensina-se que, no caso de não haver bastante água disponível para mergulho dos que desejassem receber o batismo, poderia a água ser então derramada sobre os candidatos».

O ex-padre Huberto Rohden na tradução do Novo Testamento, traduz Romanos 6:3 assim: «Acaso ignorais que todos nós fomos submersos na água batismal, em Cristo Jesus, fomos com êle sepultados na morte». Numa nota no Testamento o ex-padre explica que costumavam administrar o batismo por imersão.

Dizem que há diversas maneiras de cumprir o rito, mas o Senhor não ensinou isto. O Espírito Santo empregava a palavra que significa imersão e as Escrituras mostram como os candidatos entravam e saíam da água.

Para não precisarmos voltar ao assunto do batismo em numeros futuros referimo-nos à correspondência sobre outro aspeto do assunto. Correspondentes querem descobrir algum ensino quanto ao modo do rito, por meio de duas referências no Novo Testamento, a saber 1 Cor. 10:2 e 1 Pedro 3:20,21. Nossa resposta é que enquanto o Mar Vermelho e o Dilúvio não são bem simbolizados por uns poucos pingos de água na cabeça, julgamos que estas passagens empregam a palavra figurativamente e não podemos aprender delas o modo de administrar o rito. As duas passagens, porém, ensinam outra verdade importante na vida do cristão. Ambas as figuras falam duma TRANSFERÊNCIA. No caso dos israelitas, foram transferidos do domínio de Faraó (tipo de Satanaz) e do Egito (figura do mundo, e da escravidão do

pecado) para sujeição a Moisés (tipo de Cristo). Lemos que foram batizados AO Moisés, reconhecendo que ele seria seu guia no deserto, como tinha sido seu libertador do Egito e de Faraó. No caso de Noé, foi uma transferência dum mundo de iniquidade, condenado pelo juízo de Deus, para um novo mundo a fim de começar uma nova vida. Em ambos os casos o povo foi salvo pela água (muito água) que representava a morte dos inimigos ou dos ímpios impenitentes. Estas verdades devem ser aplicadas aos candidatos e simbolizados pela água, que representa morte pela qual passam vivos, para seguir uma nova vida, deixando atrás o domínio de Satanaz, do pecado e do mundo perdido.

Regeneração pelo Batismo

Um aspeto do batismo que tem sido mal interpretado é o versículo de Atos 16:22, palavras ditas a Saulo de Tarso: «Por que te detens? Levanta-te e batiza-te e lava os teus pecados, invocando o nome do Senhor». Alguns teólogos ligaram esta «lavagem» com as palavras em Tito 3:5: «nos salvou pela lavagem de regeneração» e ensinam «regeneração pelo batismo». Embora este erro seja pouco ensinado no Brasil, é comum em países protestantes. Devemos notar que Romanos 6 trata de «o pecado», isto é, o princípio que domina na vida do pecador. Mas em Atos 22:16 Saulo foi exortado a «lavar seus pecados» na água do batismo (a palavra é «lavar por fora») Saulo, sendo judeu, bem versado na Lei, teria pensado imediatamente nos batismos do Velho Testamento. Um israelita, contaminado por contato com um cadáver, depois de aspersão da água misturada com as «cinzas duma novilha» (Numeros 19 e He-

breus 9:13) precisaria lavar o vestido e banhar o corpo na água, antes de ser considerado purificado da sua imundicia. Evidentemente Saulo demorava em fazer sua primeira confissão pública, invocando o nome do Senhor, que tinha desprezado. Os teólogos de tempos passados, comentando este fato, disseram que, embora a água dos rios de Damasco (Abana e Farfar) não servira para lavar a lepra de Naaman, valia para Saulo lavar seus pecados (simbolicamente).

Batizadores

Empregamos o título «batizador» para descrever a pessoa que administra o rito do batismo, embora não achamos a palavra no dicionário.

As Escrituras não indicam qualquer classe de irmão para ser batizador. Lemos do caso de Felipe que batizou o eunuco de Etiópia, que é chamado «evangelista». A personalidade do batizador não dá valor ou validade ao rito, mas para manter a solenidade e seriedade do batismo, é aconselhável que um ou outro irmão respeitado pela Igreja local seja escolhido para o ofício, não como monopólio, mas por conveniência e boa ordem. Crentes já batizados não devem duvidar da validade do seu batismo no caso de descobrir, depois, que seu batizador era hipócrita, nem ligar mais importância a cerimônia porque o irmão era eminente. A fé do candidato é mais importante do que a personalidade do batizador.

Batizadores Ambulantes

A Igreja não deve deixar «batizadores ambulantes» funcionar à vontade. Há alguns que andam de um lugar para outro batizando «quem quizer» e geralmente pessoas que não deveriam ser batizadas. O batizador deve conhecer o testemunho do can-

didato ou que seja abonado pelos crentes locais. Quase sempre os candidatos precisam de instrução na significação do rito e na responsabilidade do ato. Tomar um passo numa direção desconhecida parece uma espécie de hipocrisia.

Cremos em simplicidade, mas deve ela ser um dos atos mais solenes na vida dum cristão. Temos assistido ao rito quando os batizadores (pastores e leigos) manifestavam maneiras que nos pareciam levianas, sem preparação, sem considerar o ambiente ou o efeito nos candidatos ou outros presentes.

História dos Judeus

(continuação)

Voltemos agora a Jerusalém, onde deixamos os judeus purificando o Templo, renovando os vasos santos e oferecendo sacrifícios a Jeová (165 A.C.).

Por esse tempo, Antíoco Epifanes morreu de moléstia terrível, a qual os judeus atribuíram ao juízo de Deus pela sua crueldade à nação. Seu filho foi declarado rei com o título de Antíoco V mas, sendo menor, o general Lísias governou o país.

Os velhos inimigos dos judeus, amonitas, moabitas e edomitas, levantaram-se contra eles, mas foram depressa desbaratados por Judas e seus irmãos.

Então Lísias levantou um grande exército, empregando elefantes. Judas saiu ao seu encontro mas, pela primeira vez, foi derrotado; o seu exército retirou-se para Jerusalém. Lísias começou a levantar o cerco da

cidade, mas algumas dificuldades em Antioquia obrigaram-no a voltar com o jovem rei. Um rival ao trono, Demétrio, assassinou o rei Antíoco, e Lísias, e tomou posse do reino. O sumo sacerdote Alcimo, era helenista e inimigo de Judas, e, por ser sumo sacerdote, era também governador. Era traidor. Convidou Demétrio para enviar um exército contra Judas porque se professou amigo dos gregos. Disse que seu partido estava sendo perseguido. Demétrio enviou o general Nicanor. Judas saiu ao seu encontro com um pequeno exército, mas mesmo assim completamente derrotou a Nicanor, que caiu morto na batalha. Nesta ocasião, enfrentado por um exército muito superior em numero, Judas confiou em Deus e animou seus soldados a terem a mesma atitude. Seria sua ultima vitória. Depois, Judas enviou delegados a Roma propondo uma aliança contra a Síria. Os romanos estavam crescendo rapidamente em poder e conquistavam outros países. Judas não previu as consequências futuras duma aliança com Roma! Esse passo desagradou a certos judeus e, quando Demétrio enviou outro general, Baquides, com um poderoso exército para vingar a morte de Nicanor, Judas ficou com apenas 800 soldados. Recusou fugir e animou seus seguidores a pelejar até a morte. Na batalha, que se deu à noite, Judas caiu morto; seu exército foi derrotado. Simão e Jonatas, seus irmãos, levaram seu corpo e o sepultaram junto com o de seu pai Matatias. Assim morreu um patriota de grande coragem e homem de fé em Deus.

Jônatas, o filho mais novo de Matatias dirigiu então o exército, mas no deserto, porque o sumo sacerdote Alcimo, amigo dos gregos, perseguia os amigos de Judas. Baquides voltou a Antioquia e o Alcimo morreu,

deixando Jonatas em paz durante alguns anos. Demétrio tinha um rival, Alexandre; ambos desejavam a amizade e o auxílio de Jonatas; mandaram-lhe presentes. Jonatas foi feito sumo sacerdote, o primeiro dos principes-sacerdotes da família Has-moneana. A rivalidade pela posse do trono da Síria continuou e vários pretendentes foram assassinados. Infelizmente Jonatas tomou parte destas lutas e, finalmente, foi assassinado traiçoeiramente num banquete. Simão, o segundo filho de Mata-tias tomou então o lugar de seu irmão. Devido às desordens em Antioquia, completou a independência dos judeus, o país prosperou, mas ele teve morte triste. A filha de Simão casou-se com um homem chamado Ptolomeu, grego ou helenista. Quiz usurpar o lugar de governador da Judéia, e, por isso, assassinou seu sogro e dois de seus filhos. Outro filho Hircano fugiu. Quando voltou para Jerusalém, foi aclamado rei e sacerdote. O assassino, Ptolomeu, fugiu para Jericó, levando a mãe de Hircano e dois irmãos prisioneiros. João Hircano cercou a fortaleza de Jericó, mas Ptolomeu ameaçou torturar a mãe de Hircano. Diante disto desistiu do cerco. Ptolomeu matou seus prisioneiros e fugiu.

Mais uma vez o rei da Síria, Antíoco VII, veio com um grande exército e tomou Jerusalém, mas antes de destruir a cidade, foi obrigado a voltar para Antioquia, porque os partidos ameaçaram seu reino. Ele pereceu numa batalha contra esses inimigos. Assim, outra vez, os judeus ficaram livres de seus inimigos. João Hircano castigou os edomitas pelo mal que fizeram aos judeus. Tomou Samaria e derrubou o templo em Gerezim. Esse ato aumentou grandemente a animosidade entre judeus e samaritanos.

Correspondencia

Nosso artigo no numero 65 sobre «Separação e Santificação» referiu-se ao «Concilio Mundial de Igrejas», que é uma união dos representantes das diversas denominações no mundo.

Vamos imaginar que o Senhor, a Cabeça da Igreja, convoca uma reunião no mundo, como mais tarde há de fazer no Céu. Quem seria convidado? Certamente não seriam as «igrejas» protestantes catolicas, ortodoxas; tenham ou não credos ortodoxos. O Senhor diria que não conhece estas «igrejas», porque Ele não as autorizou ou fundou, e que tais não são corpos juridicos no Reino de Deus. Ele chamaria todos os cristãos que têm sido nascido de novo. Ele Mesmo diz que se alguém não nascer de novo, não entrará no Reino de Deus. Podemos imaginar o Senhor convidando a Igreja Catolica, que tem torturado, perseguido e queimado tantos irmãos de Cristo, e que tem queimado também a Biblia? Mas assim fez o Concilio Mundial de Igrejas que se reuniu no ano passado. O Senhor convidaria cristãos individualmente, não porque tivessem sabedoria e alta posição ou muita erudição, mas porque nasceram de novo na Familia de Deus e por isso são irmãos de Cristo. Alguns, no Concilio, negam a necessidade do novo nascimento, negam a inspiração da Palavra de Deus, insultam o Senhor por dizer que participara da ignorancia de Seu tempo e negam Seu nascimento virginal. Acabamos de ler um jornal que julgamos fundamentalista; falando de três seitas modernas, uma delas as «Testemunhas de Jeová» diz: «O tempo certamente está caminhando para que procurem uma associação mais estreita, melhor entendimento e até uma conexão com o

Concilio Mundial das Igrejas. Isto pode ser considerado e resolvido antes da próxima assembléia.» Assim há lugar para todos até para aqueles que blasfemam o santo nome de Jesus.

Na Grande Reunião, no Céu, milhões de protestantes já terão ouvido o Mestre dizer: «Não vos conheço». Aqui e acolá, neste mundo, há católicos, talvez um padre, um frade ou uma freira, que acreditam nos dogmas de sua igreja, mas tem uma fé simples no Salvador. Na Grande Reunião celestial tais ouvirão o convite: «Vinde benditos do meu Pai». São nossos irmãos, juntamente com aqueles que participam conosco da Santa Ceia nos Domingos. «Há reverendíssimos bispos, e reverendos pastores protestantes, professores de seminários teológicos que ouvirão as palavras terríveis: «não vos conheço». Nunca nasceram de novo. À linha que faz a DIVISÃO é A CONVERSÃO ou «O NOVO NASCIMENTO». É uma linha que Satanaz deseja esconder. Como pode ele alcançar este fim melhor do que, sob a capa alcunhada «caridade cristã» convocar uma reunião onde salvos e perdidos, santos e pecadores, crentes e blasfemos estão todos juntos, tomando o título de «cristãos» ou a «Igreja universal».

Pergunta 1. Deve uma Igreja receber uma pessoa que nega a verdade do nascimento virginal do Senhor Jesus?

Resposta. Esta heresia é muito seria, mas é quase sempre sinal de que a pessoa não acredita nos outros milagres da Bíblia. Nós, que moramos na roça, não encontramos estes casos. Somos tão simples, que cremos tudo que a Bíblia diz, sem vacilar. Encontram-se estes «sábios», às vezes,

nas cidades. Pensam que é sinal de melhor educação, ou de maior inteligência, criticar a Bíblia. Alguns seminários teológicos «fabricam» este tipo de moço, que com um aceno de mão sabe despachar os milagres e os livros de Moisés para as regiões da fabula. Se um tal se apresentar para a comunhão, convém cordialmente dizer-lhe que vá a uma «igreja» onde suas heresias serão aceitas.

Pergunta 2. Um leitor nega que as palavras «banhar» e «lavar-se» nos ritos do Velho Testamento (chamados batismos (abluções) em Hebreus 9:10) significam «mergulha».

Resposta. O leitor pode ler 2 Reis 5, onde há a história de Naamã. No vers. 10 lemos que ele foi mandado: «Vai e lava-te sete vezes no Jordão». No versículo 14 aprendemos como ele interpretou esta palavra: «Então desceu e mergulhou no Jordão sete vezes, conforme a palavra do homem de Deus». Na Septuaginta a palavra «mergulhou» é traduzida «batizou-se». Não foi um rito neste caso, mas um ato de fé. Naaman não chamou um servo para trazer uma vasilha para aspergir na sua cabeça umas gotas de água do rio, mas obedeceu à palavra do profeta literalmente. O Jordão é figura de morte e desagua no Mar Morto.

EXPEDIENTE

«MOCIDADE CRISTÃ» é uma publicação ocasional para promover os interesses dos grupos da mocidade cristã evangélica. Não tem assinantes, pois é mandada gratuitamente aos nossos correspondentes. As despesas da impressão serão feitas por donativos voluntários.

Toda a correspondência deve ser dirigida ao Sr. W. Anglin, Caixa 35, CARANGOLA, Minas, Brasil.

Casa Editora Evangélica, Teresópolis, E. do Rio
Editor responsável José Ferreira de Andrade